vinetur

França eleva previsão da vindima de 2026 para 36,7 milhões de hectolitros

As produtividades mais elevadas no Languedoc-Roussillon e em Charentes fazem subir a estimativa, mas a colheita continua 10% abaixo da média recente

sábado, 7 de novembro de 2026



A França reviu em alta a previsão para a vindima de 2026 esta sexta-feira, 6 de novembro, depois de as produtividades terem superado as expectativas em várias das principais regiões produtoras, embora a colheita ainda deva figurar entre as mais fracas da história recente.

O Ministério da Agricultura francês afirmou, na sua estimativa mensal mais recente, que a produção de vinho deverá atingir 36,7 milhões de hectolitros, face aos 34,9 milhões de hectolitros previstos em outubro. O valor revisto colocaria a produção ligeiramente acima da vindima de 2025, que o ministério descreveu como a mais fraca deste século, mas ainda 10% abaixo da média de 2021-2025.

A revisão aponta para uma oferta um pouco superior à esperada por compradores e produtores um mês antes, embora a colheita nacional continue em níveis historicamente baixos. Para o setor das bebidas, esta alteração poderá afetar os planos de compra, a gestão de stocks e as expectativas de preços, sobretudo porque a França é um dos maiores fornecedores de vinho do mundo e a produção regional está a evoluir em sentidos muito diferentes.

O ministério afirmou que a previsão mais elevada se deveu sobretudo a produtividades superiores às esperadas no Languedoc-Roussillon e em Charentes, que, em conjunto, representam cerca de metade da produção total de vinho da França. Referiu também perspetivas mais favoráveis na Champagne e no sudeste do país.

Apesar da revisão em alta, a vindima de 2026 continuava condicionada por fatores estruturais e meteorológicos. A Agreste, o serviço de estatística do ministério, afirmou que a produção foi reduzida pela diminuição da área de vinha, associada a um plano de redução da vinha. Acrescentou que o calor e a seca do verão também prejudicaram as produtividades, sobretudo nas regiões vitícolas do norte.

Os dados regionais revelaram como a campanha foi desigual em todo o país.

Na Champagne, continuava a prever-se uma quebra de 38% face a 2025, depois de a geada, o granizo, a seca e as ondas de calor do verão terem danificado a colheita. O número final de garrafas colocadas no mercado não depende apenas da vindima. É definido pelo setor da Champagne, que também tem em conta a procura mundial e

outras condições de mercado.

A previsão apontava para uma quebra de 22% na Borgonha-Beaujolais face ao ano passado, enquanto a produção no Vale do Loire deveria diminuir 7%.

Em contrapartida, esperava-se que o Languedoc-Roussillon registasse um aumento de 25% face à muito fraca vindima de 2025. O ministério afirmou que a chuva do final do verão ajudou a limitar os danos causados pela seca na região. Na previsão de outubro, o ministério antecipava um aumento de apenas 2% para a região, o que faz dela um dos principais motivos para a revisão nacional.

A previsão para Bordéus apontava para uma produção 10% superior à de 2025, mas ainda 11% abaixo da média dos últimos cinco anos. O ministério afirmou que a remoção de vinhas foi um dos fatores que explicam este défice.

A França é o segundo maior produtor de vinho do mundo, a seguir à Itália, pelo que as alterações às previsões para a sua vindima são acompanhadas de perto por viticultores, exportadores, distribuidores e retalhistas. Uma colheita melhor do que inicialmente receado poderá aliviar algumas preocupações com a oferta em determinadas categorias, mas o baixo volume total e as fortes quebras em regiões como a Champagne indicam que a disponibilidade e os preços poderão continuar a variar bastante consoante a origem e o estilo.

Um hectolitro equivale a 100 litros, ou a cerca de 133 garrafas de vinho de tamanho normal. Com 36,7 milhões de hectolitros, a colheita francesa continuaria muito abaixo dos níveis habituais, apesar da revisão em alta de novembro, mostrando como uma recuperação nacional modesta pode ainda ocultar perdas profundas em algumas das regiões vitícolas mais importantes do país.